

Resenha

LEITE, Yonne & CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Série Descobrimo o Brasil, 2002.

Resenhado por Luciene Bassols Brisolara (Universidade Católica de Pelotas)

Como falam os brasileiros, de Yonne Leite e Dinah Callou, tem por objetivo discutir a questão da variação lingüística. O livro se inicia com uma introdução geral sobre a linguagem, sua função sócio-comunicativa e os diversos falares existentes no Brasil. As autoras partem de Antenor Nascentes que, em 1953, classificou o falar brasileiro em seis subfalares: o amazônico, o nordestino, o baiano, o fluminense, o mineiro e o sulista. Além de destacarem características dialetais oriundas de diferentes regiões, tratam de outros fatores extralingüísticos, como: faixa etária, sexo, escolaridade etc, para explicar que as variações também são decorrentes de aspectos individuais.

Dentre outros comentários sobre diversidade, destacam que a variação lingüística, de acordo com Antonio Houaiss, é proveniente do próprio processo de colonização do país, ou seja, “dialetação horizontal por influxo indígena e diferenciação vertical entre a fala do luso e a fala do nascido e criado na terra”.

RESENHA

O livro, com 73 páginas, está dividido em 15 tópicos – alguns com 1 página e outros com 10: “introdução”, “uma visão geral do Brasil: o mito de homogeneidade”, “assumindo a diversidade”, “o falar carioca no conjunto dos falares brasileiros”, “sexo, idade e variação lingüística”, “para uma caracterização dos falares brasileiros”, “a fonética da fala culta”, “os sotaques sintáticos da fala culta”, “normas, pluralismo, etc”, “traçando linhas imaginárias”, “voltando ao começo”, “cronologia”, “referências e fontes”, “sugestões de leitura” e, por fim, um item “sobre as autoras”.

No item “uma visão geral do Brasil: o mito da homogeneidade” encontramos comentários sobre a oposição entre a variante brasileira e a européia da língua portuguesa, razões para o Brasil não apresentar um quadro lingüístico homogêneo e, também, dados sobre as línguas indígenas faladas no Brasil antes e depois da colonização do país. As autoras encerram esse item, afirmando que, para existir uma educação democrática e igualitária, é preciso que reconheçamos a diversidade e trabalhemos com ela, possibilitando, assim, a todos os falantes a aprendizagem de normas prestigiadas e o acesso às mesmas oportunidades.

Em “assumindo a diversidade” são apresentados vários Atlas Lingüísticos, iniciados no Brasil, desde 1960, com destaque ao Atlas Lingüístico do Brasil (ALIB), um atlas geral, que tem por objetivo fazer um retrato do Brasil, isto é, “dar conta da diversidade existente, ou melhor, da dialeção do português, a fim de tornar viável a tão complexa delimitação de áreas próprias a cada fenômeno lingüístico”(Leite & Callou,2002: p.17).

“O falar carioca no conjunto dos falares brasileiros” refere-se a pesquisas realizadas sobre o dialeto dos cario-

cas, principalmente, a de Antenor Nascentes, nos anos 80, que faz uma monografia baseada no seu próprio falar. Este tópico foi incluído na obra, pois, de acordo com as autoras, o Rio de Janeiro “é uma área cuja linguagem culta tende a apresentar um menor número de marcas locais e regionais, com uma tendência universalista, dentro do país”(p.10).

“Sexo, idade e variação lingüística” abrange os fatores extralingüísticos responsáveis por caracterizar a fala de homens e mulheres, de diferentes faixas etárias e em diversos contextos. Dá-se maior ênfase, nesse tema, à questão de que a identidade homem/mulher não pode ser vista isoladamente e, sim, em conjunto com outros fatores como faixa etária, tipo de trabalho, ou outras identidades culturais.

Os tópicos “para uma caracterização dos falares brasileiros”, “a fonética da fala culta”, “os sotaques sintáticos da fala culta”, “normas, pluralismo, etc”, “traçando linhas imaginárias” citam exemplos da variação lingüística como: *O artigo definido diante de nomes próprios e possessivos; Alternância nós/ a gente*. Vale destacar que todas as análises apresentadas nestes itens são feitas com base no mesmo *corpus*: São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, que fazem parte do Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta).

“Voltando ao começo” lembra a chegada de Cabral ao Brasil, deparando-se com povos, costumes e línguas diversas. Também fala sobre a chegada dos jesuítas com “a missão de transformar os indígenas em cristãos”(p.60) e sobre diversas línguas indígenas existentes no Brasil. Todos estes fatos históricos servem para mostrar a origem da diversidade lingüística.

RESENHA

Ao final da obra, as autoras fazem referência aos fatos exemplificados no livro e destacam suas fontes bibliográficas.

O livro como um todo proporciona uma leitura não só instrutiva como agradável, desenvolvendo-se, de maneira geral, com simplicidade, clareza e objetividade. Conforme comentário de Jorge Zahar, editor de *Como falam os brasileiros* “[o] livro convida o leitor a desvendar os mistérios e sutilezas da diversidade e unidade dos falares brasileiros, apresentando um retrato sociolinguístico do falar culto carioca, gaúcho, paulistano, baiano e pernambucano”. Assim, *Como falam os brasileiros* será útil tanto para principiantes como para interessados que já tenham acumulado conhecimentos menos ou mais avançados da área.

É importante ressaltar que um livro, com pouco mais de 70 páginas, e que trata de tantos tópicos, tem que necessariamente ser geral, mas, nem por isso, deixa de ser interessante e de trazer exemplos relevantes de variação linguística.